

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

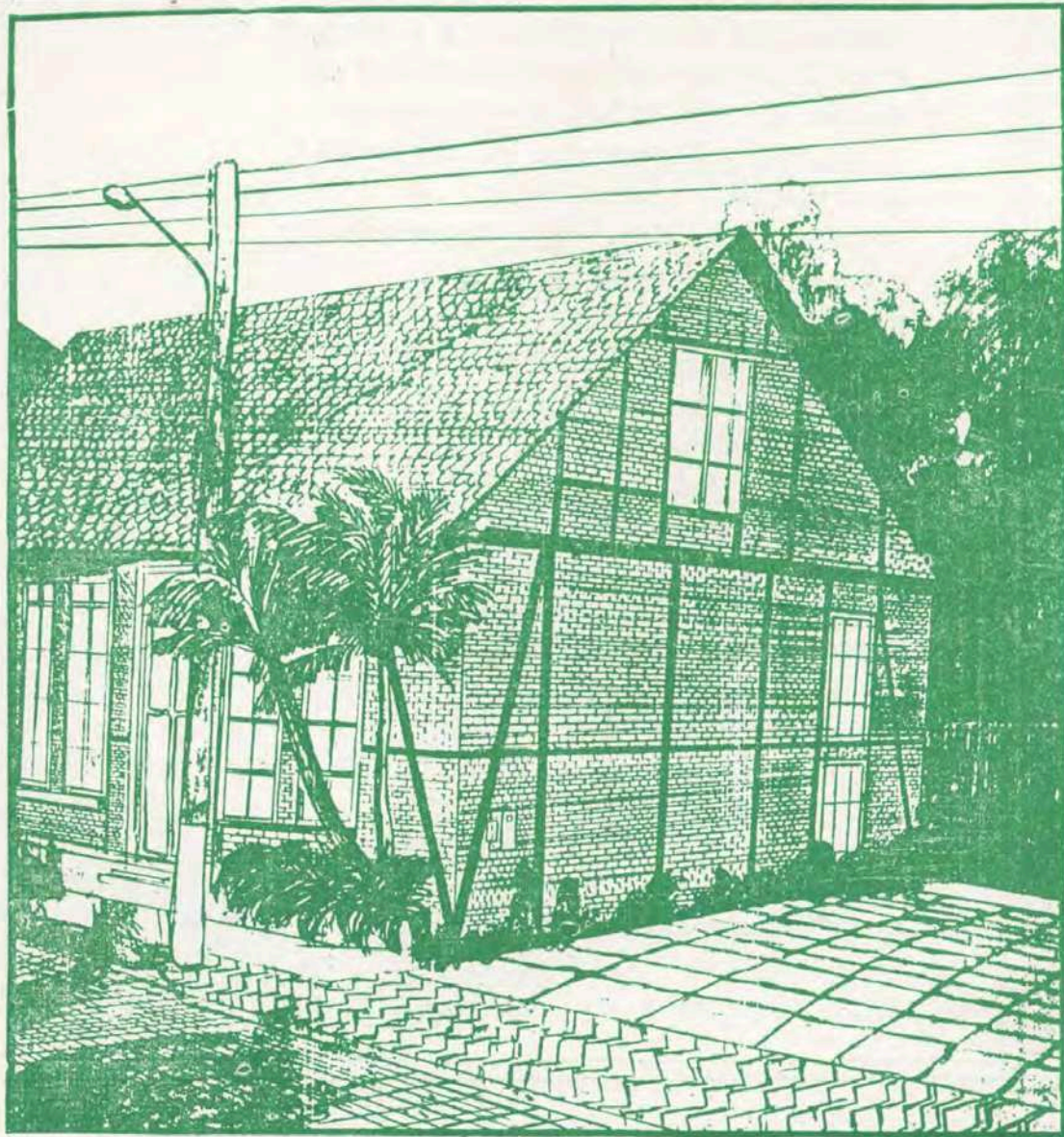
Julho de 1991

Nº. 7

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Bretkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Julho de 1991

Nº. 7

SUMÁRIO

Página

Um Juiz de Blumenau — Antônio Roberto Nascimento	194
Alemanha - Portugal - Brasil — Adolfo Bernardo Schneider ..	197
Imigração/Colnização - Questão Racial ou Questão Política?	209
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio ..	211
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III) - Pe. Antônio F. Bohn	214
Um pouco da história de Apiúna — M. Derétti	215
Doações de livros históricos ao Arquivo	216
Subsídios Históricos: Rosa Herkenhoff	217
O menor livro do mundo encontra-se em nosso Museu	218
Figura do Passado: Resumo biográfico de Felipe Bündgens ..	219
Aconteceu... Junho de 1991 ..	220
Fundação «Casa Dr. Blumenau» tem novo Conselho Curador	224

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 300,00 — Atrasado Cr\$ 500,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 10.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Um Juiz de Blumenau

Antônio Roberto Nascimento
do Instituto Histórico e
Geográfico de Santa Catarina

Instalada a Comarca de Blumenau aos 10.2.1890, criada pela Lei nº. 1109, de 30.8.1886, tomou posse e prestou juramento o cidadão Gustavo Salinger, "1º. Suplente do Juízo Municipal em exercício de Juiz de Direito" (Cf. F. Kilian, A Instalação da Comarca de Blumenau, Blumenau em Cadernos, Tomo I, nº. 10, p. 189).

Dois anos depois, o Juiz de Direito da Comarca de Blumenau era o Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo (Cf. J. A. Medeiros Vieira, Notas para a História do Poder Judiciário em Santa Catarina, p. 94).

O bacharel Pedro Celestino Felício de Araújo, filho de Luiz Felício de Araújo e de D. Torquata Clementina Colaça de Araújo, era natural da freguesia de N. S^a. da Conceição da Cidade de Areias da Província da Paraíba e morador na Cidade de Joinville, aos 12.11.1887, quando casou com D. Emília Cristina Görrensen, natural de São Francisco do Sul, filha do sueco Marcos Görrensen e da alemã Carolina Schneider, neta paterna de Hans Hermano Egidens Görrensen e de Cristina Dons, também suecos, e materna de João Schneider e de Maria Isabel Schumacher (v. livro nº. 9 de casamentos e livros 13, 17 e 19 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça). Emília, sua mulher, tinha oito anos em 1878, quando foi do inventário dos bens de seu pai (v. arquivo judiciário francisquense). A mãe do Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo residia no Recife em 1892, onde, por certo, ele cursava as letras jurídicas. Aos 19.7.1894, o Dr. Pedro residia na Cidade de Itajaí, onde nasceu sua filha Leonilda, batizada em S. Francisco do Sul aos 09.5.1897 (Livro nº. 20 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça). No batismo da filha Lélia, aos 09.5.1897, nascida aos 19.4.1892 (Id., ib.), o Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo já era falecido, o que bem demonstra a precocidade com que morreu. Teve também o filho Luiz, batizado aos 20.4.1890 (Livro nº. 19 de batismos da Matriz cit.), tendo por padrinhos Joaquim Gonçalves Portella e sua mulher D. Carolina Görrensen Portella.

Teria sido o primeiro juiz togado de Blumenau? Não o sabemos. Se o foi, teria sido apenas por um lustro, ou pouco menos, dado seu prematuro desaparecimento.

Quando foi de seu falecimento, Marcos Görrensen, o sogro do Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo, já estava radicado em S. Francisco do Sul há 22 anos (Cf. C. Ficker, História de Joinville, p. 307). Seu nome correto era Markus Görrensen, tendo nascido aos 26.6.1826, em Drontheim, Noruega (Cf. C. Ehleke, A Maçonaria do Passado Histórico Joinvilense, p. 530). Ingressou na Loja Maçônica de Joinville aos 08.8.1857. No batismo da filha Ana, aos 05. 4. 1857, com 54 dias, seus pais foram dados como "alemães solteiros", motivo por que a criança foi rotulada de "filha natural" (Livro nº. 12 de batis-

mos da Matriz de N. S^a. da Graça). Carolina, sua mulher, deve ter vindo com seus pais para o Brasil, pois, aos 29.11.1886 (Livro n^o. 10, fl. 20, n^o. 155. da Matriz de N. S^a. da Graça), faleceu um João Schneider, de marasmo senil, com cerca de 83 anos de idade, natural da Alemanha, casado com Maria Schumacher, sendo sepultado "no cemitério acatólico" por ser "protestante". Talvez fossem parentes do Pedro Schneider, casado com Sofia Schneider, conforme batismo das filhas Teresa, aos 02.11.1853, com dois meses (Livro n^o. 11, fl. 132, da cit. Matriz), e Maria, aos 06.6.1852, com nove meses de idade (Id. ib.). Esse Pedro pode ter sido o Peter Schneider, lavrador, com 26 anos de idade, casado com Maria Catarina, figurantes da expedição pioneira à projetada Colônia D. Francisca em 1850 (Cf. C. Ficker, Hist. cit., p. 54), a despeito da informação de ter ele abandonado a colônia aos 29.1.1852, após a morte de sua mulher, com quem teve a filha Maria Catarina (ob. cit., p. 66). Um F. Goerresen, norueguês, veterinário, de 26 anos, foi enviado do Rio de Janeiro por Liebich em 1851 (ob. cit., p. 79). Seria parente?

Em 1878, os bens de Marcos Görrensen — comerciante, que morrera aos 23.5.1878 (v. arquivo judiciário francisquense) — foram inventariados por sua viúva, que, no respectivo título de herdeiros, declarou sete filhos vivos: Oscar, de 19 anos, Adolfo, de 18, Carolina, de 14, a dita Emília, de oito, Laura, de cinco anos e nove meses, Marcos, de três, e Olímpio, de apenas 10 meses. A viúva prosseguiu na mercância com denodo, agora sob a denominação de "Viúva Görrensen & Filhos". Em 1879, ela outorga procuração a Domingos Bernardino Ribeiro "para vender seus dois escravos de nomes Gonçalo e Silvina pelos preços que puder obter" (v. escritura no 2^o. Tabelionato de S. Francisco do Sul). Também em 1879, vendeu a lancha "Teresa Maria", por 500\$000 réis, "armada à latina", com dois mastros e uma cobertura, ao comerciante Guilherme Krüeger da Colônia D. Francisca, sob garantia hipotecária e a juros de 10% a. a. (Id. ib.).

Em 1905, Bruno Wolfram, morador de Hamburgo moveu ação hipotecária contra o filho Oscar Görrensen, por força do contrato de hipoteca de 4.500\$000 réis, a juros de 9% a. a., sobre a fábrica de cal, continuando a cobrar o saldo devedor, mercê de o bem não ter conseguido, em hasta pública, cobrir o montante da dívida. O tradutor da procuração fora Albano Schmidt e o advogado o bacharel César Pereira de Sousa, estabelecido em Joinville, que substabeleceu o mandato na pessoa do francisquense Joaquim Vieira de Miranda Évora. O filho Marcos fora batizado aos 17. 2. 1876, tendo por padrinhos Frederico Jordan e Maria Schneider (v. arquivo judiciário francisquense e livro n^o. 17 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça).

A filha Carolina Maria, tinha 23 anos aos 12.2.1887, quando casou com Joaquim Gonçalves Portella, natural da freguesia de S. Jorge de Abadim da Vila Real de Trás - os - Montes, Arcebispado de Braga, filho de Antônio Alves Portella e de Mariana Gonçalves (V. livro n^o. 9 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça), que tinha 30 anos e era solteiro em 1884 (V. arquivo judiciário francisquense). Em 1904, foram inventariados os bens de Joaquim Gonçalves Portella,

quando sua viúva declarou como herdeiros os irmãos germanos dele, todos residentes na sobredita Vila Real e uma vez que não tivera filhos de seu casamento: Francisco, Marcelino, Ludovino e Antônio, que já era finado e que fora casado com Adalgisa Jordão (filhos César Jordão Portella, de 15 anos, e Esther Jordão Portella, de dez). Joaquim Gonçalves Portella também fora comerciante, a exemplo de seu sogro.

Já a filha Laura Görrensen foi casada com José Antônio de Oliveira Neto, cunhado do Dr. Abdon Batista, filho do Tenente - Coronel José Antônio de Oliveira Filho e de sua segunda mulher D. Emília Julieta Nóbrega, neto paterno do comerciante do Parati José Antônio de Oliveira Cercal Sênior e de Cesarina Maria de Jesus — neta do Capitão — Mor Francisco Fernandes Dias — materno do Capitão Antônio Francisco Nóbrega, natural de Santos — genitor do Pe. Nóbrega —, e de Teresa Maria de Jesus — filha do primeiro leito de Antônio de Carvalho Bueno, último capitão - mor -, com quem teve a filha Carmem Görrensen de Oliveira, casada com Manoel Gomes da Nóbrega, bem como a filha Elsa Görrensen de Oliveira, casada com Sérgio Augusto Nóbrega Júnior, segundo diversos registros eclesiásticos de S. Francisco do Sul.

O caçula Olímpio Görrensen foi casado com D. Maria Wanderheyden Görrensen, com quem teve o filho Brasil Gerson (sic), que portuguesou o nome, tornando-se conhecido jornalista no Rio de Janeiro e historiador de nomeada (Cf. Arnaldo S. Thiago, História da Literatura Catarinense, p. 520). Sua mulher, ao que supomos, seria filha de Leôncio Hyppólito Wanderheyden, batizado na Vila de S. Luiz de Guaratuba, filho de Hyppólito Wander Heyden, ligado ao capítulo da colonização belga de Ilhota, e de Francisca de Miranda Henriques, talvez descendente do Pe. Francisco de Paula Miranda Henriques, vigário interino de S. Francisco do Sul em 1823 (Cf. W. F. Piazza, A Igreja em Santa Catarina, p. 257). Leôncio Hippólito Wanderheyden, casou, aos 02.8.1880, com Helena Francisca Levenhager, natural de Joinville, protestante, já viúva de Gustavo Koenig, filha de Fernando Eduardo Levenhagen e de Bertha Maria Levenhagen (v. livro n. 8 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça), que fez "abjuração pública" de sua religião.

Teria sido promissora a carreira do Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo, mercê de seu parentesco com as elites da época, não fosse seu desaparecimento prematuro.

Intriga - nos o fato de ele estar residindo em Joinville ao tempo de seu casamento. Em Joinville, onde se diz que a Comarca foi instalada em 1890, mas que antes, muito antes disso, já tinha tabelião, escrivão judicial — Virgílio Gomes Tovar e Albuquerque —, juiz de órfãos — Dr. Primitivo Gomes de Sousa Miranda — e até magistrado a presidir o tribunal do júri, o Dr. José Maria do Valle (Cf. C. Ficker, ob. cit., p. 272).

De qualquer modo, o Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo figura dentre o rol e pessoas que prestaram sua valiosa cooperação nos primeiros tempos de Blumenau.

ALEMANHA — PORTUGAL — BRASIL

Uma fraternidade, que já dura mais de 1.500 anos

Já é tradição enraizada há muitos anos no Sul do Brasil lembrar e festejar a cada 25 de julho a fundação da primeira colônia agrícola autenticamente alemã no Brasil, que é São Leopoldo, no Estado do Rio Grande do Sul. E, por extensão, todas as dezenas e, quem sabe, até centenas de colônias irmãs fundadas depois de 1824 pelos alemães no Sul do Brasil, que hoje representam um verdadeiro arcabouço cheio de surpresas agradáveis, comandando o progresso econômico do Brasil. Transformando o Brasil escravocrata e eminentemente agrícola em uma das nações mais adiantadas no mundo contemporâneo.

Analisando o passado de Portugal e do Brasil, verificamos com surpresa, que essa fraternidade, primeiro entre diversos povos germânicos e Portugal e depois entre os alemães e o Brasil, já vem de muito mais tempo. Na realidade, alemães, portugueses e brasileiros formamos um grupo de povos soldados entre si pelo destino para um futuro comum.

Sobre este assunto, sempre atual, nosso colaborador sr. Adolfo Bernardo Schneider, de Joinville, ex-Diretor da Biblioteca Pública Municipal "Prefeito Rolf Colín", de Joinville, além de criador e primeiro diretor do Arquivo Histórico Municipal de Joinville, pronunciou, diante de um auditório seletivo, uma palestra, que temos o prazer de reproduzir em seguida para os leitores desta nossa Revista.

"Meus caros ouvintes,

Existe, há perto de 1.500 anos, uma grande fraternidade entre dois grupos de povos: entre os germânicos e os lusitanos, isto é, entre os diversos povos alemães, de um lado, e Portugal e o Brasil, do outro. Vamos jogar uma vez alguns fachos de luz sobre um e outro episódio dessa fraternidade, focalizar alguns dos pontos altos dessa amizade, que muito nos diz respeito também, a nós catarinenses.

Houve uma fase na História Uni-

versal, um pouco antes do nascimento de Jesus Cristo, em que toda a Europa, a contar dos Montes Urais, se encontrava em ebulição. Acossados pelos hunos, um povo mongol, em sua marcha irresistível em direção ao Ocidente, ocupando aos poucos vastos espaços praticamente vazios, após o último degelo. Não havia como resistir a esses perto de um milhão de guerreiros sanguinários hunos, os quais, homens, mulheres e crianças, montados em seus pequenos e velozes cavalos, de vez em quando, nessa sua arremeti-

da em direção ao Ocidente, voltavam a se movimentar, queimando e matando tudo o que encontravam pela frente.

Entre estes povos germânicos, que eram muitos, mais de cem, havia três, que aqui nos interessam mais de perto: os visigodos, que quer dizer, os "godos ocidentais", os alanos e os suevos. Estes três povos atravessaram toda a Europa, passaram pela Gália, hoje a França, atravessaram os Pireneus e se fixaram no Norte e Noroeste da Península Ibérica. Que na época, era uma colônia romana. É uma região, que, muito tempo depois, foi batizada pelos espanhóis de Galícia e pelos portugueses, que ficaram com outra parte, de Douro. Felizes, por haverem encontrado uma terra, onde pudessem viver em paz, longe dos hunos e onde pudessem voltar a plantar e construir suas bonitas casas, seus burgos e mais tarde suas Catedrais.

Fixando-se na região noroeste da Península Ibérica, esses três povos germânicos se misturaram com os habitantes, que já havia ali, aceitando inclusive a civilização romana, que ali reinava: a língua, a religião, os costumes. Eles se integraram na paisagem. Hoje em dia uma das regiões mais lindas, tanto na Espanha, como em Portugal. Aos caros leitores, que viajarem para a Europa, eu recomendo uma visita a essa região, que do lado de Portugal se chama Província de Douro e do lado da Espanha se chama Galícia. Enquanto a Galícia é o celeiro de Espanha, o Douro é o celeiro de Portugal. É a marca, que vão deixando os povos germânicos pelo mundo afora, pois desde a Antiguidade, eles sempre foram povos plantadores. E quem planta, se fixa ao solo, constrói casas, vilas, cidades, igrejas, catedrais, burgos e castelos. Eu repito: vão visitar uma vez aquela região, para ver de perto o milagre alemão no Norte e Noroeste da Península Ibérica.

Esta ocupação pacífica se deu nos séculos 5º. e 6º. da era cristã. O Império Romano estava se desmanchando. O maior Império construído na Antiguidade por um povo, não conseguiu resistir à corrupção interna e ao desejo de liberdade dos povos por eles escravizados.

A História não pára. No ano 700 de nossa era vieram os árabes. Após ocuparem todo o Norte da África, naquele ano invadiram e conquistaram a Ibéria. Também os povos germânicos foram vencidos, mas se concentraram no Norte e Noroeste da Península, aguardando a vez, de revidar o golpe. Iniciando aos poucos ao que os historiadores chamam de "reconquista". Esta reconquista durou gerações, terminando apenas em 1492, quando os reis Fernando e Isabel, ambos nascidos na região germânica da Ibéria, conseguiram vencer os árabes, expulsando os califas de Toledo, de Sevilha e de outros califados, que ali se haviam estabelecido ao longo dos mais de 700 anos de ocupação.

Mas, durante esta fase da "reconquista", surge no Oeste da Península Ibérica uma nova nação, um povo, que desejava ardentemente a liberdade, a separação dos árabes: Portugal. Os vizinhos, sob o comando dos árabes, não concordaram. Na época, estavam passando pela região, os cruzados galegos, que estavam voltando de uma Cruzada. Era o ano de 1095 da era cristã. Estes cruzados, originários da Galícia, se colocaram ao lado de Portugal, impondo com as suas lanças a independência de Portugal. Que de outra forma, hoje seria mais uma província sempre rebelde da Espanha, assim como a província dos Bascos, dos Catalões e outros.

Portugal, porém, com essa composição demográfica fora de série, não descansou sobre os louros. O desejo de saber, o que havia além desse imenso mar aberto, já fazia parte da alma

do português. E aprenderam a construir navios de alto - mar, cada vez maiores. Assim, os galegos do Oporto, aventurando-se sempre mais ao largo, descobriram em 1432 o Arquipélago dos Açores, que foram povoando. Um ano antes, o Infante Henrique, que passou para a nossa História e com muita honra, como "o Navegador", nascido em Oporto, capital do Douro, havia fundado a Escola de Sagres, situada na ponta Sul de Portugal. E esta Escola haveria de aproveitar esse mais que estranho empuxo, que havia há gerações, dentro do sangue dos galegos e outros portugueses. Rapidamente o português, mercantilista por natureza, se transformou em navegador. Seja lembrado aqui: Henrique, nascido na cidade de Oporto, era galego.

O Rei Dom João II apoiou o Infante Dom Henrique em todos os sentidos. Contratou entendidos em navegação, mesmo de nações estranhas, para que viessem ensinar, transmitir os seus conhecimentos na Escola de Sagres, que se transformou rapidamente em um centro de estudos de tudo o que dizia respeito à navegação em alto mar. Entre os peritos, que foram contratados por El-Rey, cabe aqui ressaltar um de nome alemão, Martinho Behaim, que quero crer, o nome verdadeiro tenha sido Bohem. Sobre esta personalidade escreveu Carlos Henrique Oberacker Júnior: "Foi investido como conselheiro matemático e de náutica na "Comissão de Matemáticos", estado maior de náutica no país. Nesses cargos, diligenciou Behaim aperfeiçoar o aparelhamento náutico dos navegadores portugueses. Conseguiu simplificar substancialmente o antigo e conhecido astrolábio, ou seja, o observador astral, fazendo-o utilizável para a navegação". Com estas inovações introduzidas por Behaim, os navegadores portugueses passaram a se aventurar

além do Equador e mesmo em mar alto, longe da terra firme, circunavegaram com segurança o Cabo da Boa Esperança, rumo às Índias e, depois, também, rumo ao Brasil.

A expedição de Pedro Alvares Cabral viajou acompanhada por um astrônomo alemão, conhecido até agora apenas pelo seu nome "Mestre João". Foi este astrônomo, que indicava a direção a tomar, para atingir esse estranho Continente, escondido em longínquas distâncias, que já sabiam perfeitamente, que existia, mas ainda não sabiam bem, aonde. E foi também o "Meister Johann" que escreveu a primeira carta ao Rei Dom Manuel o Venturoso, mesmo antes de ser escrita a mui célebre carta de Pero Vaz de Caminha. Nesta sua carta, o astrônomo descreve a El-Rey o firmamento Sul, fazendo, na própria carta, um croquis do "Cruzeiro do Sul", o maior achado: uma cruz no firmamento. Não poderia haver melhor augúrio para esta viagem. Não ajudou porém o autor dessa nossa primeira carta, que afundou, junto com seu navio, em um temporal ao Sul do Cabo da Boa Esperança, que naquela época, era o "Cabo das Tormentas", onde Pedro Alvares Cabral perdeu diversos de seus navios. Mas, a carta ainda existe: está guardada na "Torre do Tombo", que é o arquivo Nacional de Portugal.

Mas não foi esta a única colaboração dos alemães no descobrimento do Brasil. Acontece, como impõe a mais pura lógica, a esquadra, ao deixar o Tejo, não cruzou diretamente o Atlântico, em direção ao Brasil, que admitiam existisse, mas não sabiam, ao certo, onde se localizava. Foram primeiro costeando o litoral africano, para, na altura do equador, pegar o largo. Uma viagem, na época, muito perigosa, pois as águas junto ao litoral africano, estavam infestadas de piratas árabes, que tomavam de assalto os na-

vios mercantes, que passavam por aí, conduzindo os mesmos depois aos seus portos. Para defender a frota contra tais atos de pirataria, a mesma estava guarnecida por 35 bombardeiros alemães. Todas as frotas portuguesas, naquela época, viajavam com uma tal cobertura de artilheiros alemães, que sabiam lidar com esse material de guerra. Não vamos aqui esquecer dois detalhes muito importantes: os califas árabes haviam sido expulsos da Península Ibérica apenas 8 anos antes, em 1492, o que vale dizer, que a guerra fria continuava. E também era a fase da História, onde sempre havia alemães perambulando pelo mundo afora, oferecendo os seus serviços como "landsquenets", assim como poucos anos mais tarde Ulrico Schmiedel junto aos castelhanos e Hans Staden junto aos portugueses. Pois foram esses 35 artilheiros alemães, que deram cobertura militar à esquadra de Pedro Álvares Cabral, assim como muitos anos mais tarde, durante a Guerra do Paraguai, em 1866, os voluntários de guerra alemães de Joinville e Blumenau e Brusque deram cobertura militar à canhoneira brasileira "ARAGUARY", por ocasião do desembarque do General Osório nas margens do Paraguai.

Essa colaboração dos alemães, porém, não parou com a descoberta. Lisboa se havia transformado em uma verdadeira Meca para os aventureiros, principalmente alemães, porque a Alemanha, naquela época estava dividida em mais ou menos 70 reinos, ducados, principados e cidades livres. Apenas em 1883 o Reich adquiriu a primeira colônia, a saber, o Sudoeste africano, a terra, que hoje se chama Namíbia. Durante quase quatro séculos, por conseguinte, os alemães foram simplesmente espectadores do processo colonial, comandado pelas nações colonialistas por excelência, a Inglaterra, a França, a Holanda, Espanha e Portugal.

Assim, após o descobrimento e na fase da ocupação territorial do Brasil, sempre havia um e outro alemão presente, em quase todas as ações. Vemos então, naquele tempo, um Hans Staden, colaborar na reconquista de Itamaracá, em Pernambuco e, mais tarde, guarnecer, como artilheiro que também era, um fortim em Bertioga, para barrar a entrada, em São Vicente, de quaisquer inimigos. O que, aliás, nos interessa a nós particularmente em Santa Catarina, pois o mesmo Hans Staden passou praticamente dois anos, antes, na Ilha de Santa Catarina, convivendo com os índios carijós e publicando anos mais tarde, após a sua volta para sua terra natal, o primeiro livro profusamente ilustrado sobre o Brasil, um livro traduzido para todas as línguas, inclusive para o latim, tendo já sofrido mais de 200 re - edições. Também Ulrico Schmiedel, que participou da fundação de Buenos Aires e servindo uma série de anos aos castelhanos no Paraguai, quando resolveu quitar o serviço e voltar para casa e como demorasse a vinda do navio espanhol, resolveu viajar por terra de Assunção a São Vicente, hoje Santos. Atravessando todo esse imenso "hinterland", que separa as duas cidades, utilizou para esse efeito a célebre estrada dos Incas, conhecida pelo nome de "Piaberú", que descia das minas de prata de Potosi, na Bolívia, para Assunção e de lá, atravessada o Rio Paraná, na altura das Sete Quedas, bifurcando-se em seguida em diversas direções, terminando um dos ramais nas imediações da desembocadura do Rio Itapocú e mais outro ramal na baía, onde se localiza hoje a cidade de Santos. E, chegando à sua terra natal, também escreveu um relato sobre esta sua viagem, que durou quase seis meses. Também este livro foi traduzido para muitas línguas, particularmente português e castelhano. Com estes dois livros, o Brasil ficou

mais conhecido na Alemanha e na Europa em geral, atraindo sempre mais gente para este lado do Oceano.

Nessa importante fase da posse das terras, sempre continuou a presença de um e outro alemão, por exemplo, quando Mem de Sá, em meados do primeiro século de nossa História, solicitou ajuda em São Vicente, para expulsar novamente os franceses, que se haviam estabelecido na Guanabara, ocorreu imediatamente um alemão, de nome Heliodoro Hesse, que era feitor em um engenho d'açúcar em São Vicente. Dispunha esse Heliodoro de grande quantidade de escravos indígenas, que, quero crer, eram todos oriundos de Santa Catarina, pois era aqui, nas nossas praias, que os vicentinos vinham buscar no primeiro tempo os seus escravos, conhecidos pela sua índole pacífica. Tanto é, que, depois de perto de 200 anos, não restou mais nenhum índio carijó, para nos contar a história de sua raça.

Esse Heliodoro Hesse aprontou 9 canoas gigantes, dessas, que naquela época eram usadas para o transporte do açúcar para os navios e mesmo para a navegação em alto-mar. Tripulou cada canoa com cerca de trinta remadores, todos índios e, pilotando uma, se foi em auxílio de Mem de Sá. Na Guanabara, esta sua frota de canoas participou de diversos encontros sangrentos com a indiada inimiga, aliados dos franceses, inclusive na célebre "batalha das canoas", onde o comandante, citado pelos historiadores como "o moço loiro", conseguiu jogar na canoa do chefe contrário um petardo, que lá explodiu, pondo em fuga todas as canoas inimigas. Heliodoro ficou por lá, participou da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro, tornou-se escrivão da Fazenda, depois vereador, oficial do Conselho e acabou se casando no Rio. Seu neto, Eliodoro Eobano, comandou um século depois,

uma expedição, cuja missão era tomar posse do altiplano paranaense, o qual, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha. Desembarcando em Paranaguá, subiram a Serra e lá fundaram Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, como sabemos, hoje Curitiba.

Nesta triagem rápida pela História do Brasil, com o fim de lembrar os nomes de um e outro alemão, que colaboraram, para pôr de pé este gigante, que hoje chamamos Brasil, não podemos e nem devemos esquecer Manuel Beckmann, embora nascido em Portugal, de mãe portuguesa e pai alemão. Manuel Beckmann, um século antes de Tiradentes, foi na realidade o nosso primeiro mártir da Independência. Fato este, que, como sabemos, ocorreu em S. Luis do Maranhão, uma cidade fundada pelos franceses, que desde a exclamação de Henrique IV, Rei da França, ao tomar conhecimento do conteúdo do Tratado de Tordesilhas: "Mostrai-me o testamento de Adão!!!", repetidas vezes mostraram a intenção de participar do banquete deste lado do Oceano.

Outro alemão, que merece ser citado, é o Conde Maurício de Nassau, que esteve em Pernambuco naquela fase, em que a Holanda esteve em guerra contra a Espanha. Administrou, como verdadeiro estadista, vários anos as terras conquistadas pelos holandeses. Maurício de Nassau é considerado, pelos historiadores nortistas, mais brasileiro, do que alemão. Governou com imparcialidade e convidou artistas e cientistas, para virem conhecer o Brasil.

Estamos chegando assim ao século XVIII isto é, de 1.700 a 1.800. Esta fase é uma das mais importantes no relacionamento mais que fraternal entre alemães, de um lado e lusitanos e brasileiros, do outro. Tanto na América, como na Europa, houve naquele sé-

culo, transformações, cujos efeitos ainda hoje sentimos. Enquanto na Europa Frederico, cognominado o Grande, transformou o seu pequeno reinado em uma potência, respeitada inclusive pelos grandes Impérios da época, a Rússia e a Austria, na América, as 13 colônias inglesas declaram em 1776 a sua independência da Inglaterra, lançando em sua Constituição, como primeiros, a definição, "All men are equal" — isto é, todos os seres humanos são iguais. Irrompe, pouco depois, na França, a célebre Revolução, cujo bi - centenário foi lembrado há poucos dias. No Brasil, na mesma época, é enforcado e esquartejado Tiradentes, o nosso Mártir da Independência.

Mas, independente desses fatos políticos, os dois rivais desde 1493, Portugal e Espanha, iniciam na Europa uma luta de vida e de morte. Desde a independência de Portugal, em 1095, esta nação sempre foi uma pedra no sapato da Espanha. Também continuava sempre o interesse da França pelo Brasil. Em 1761 se uniram os dois e declararam guerra a Portugal. A Espanha desejava incorporar Portugal e a França, certamente, também tinha seus anseios secretos. As tentativas no Rio de Janeiro e em S. Luis do Maranhão não haviam dado certo.

Em meados do século o Marquez de Pombal governava Portugal, como ministro onipotente. Sabia ele dos planos do seu vizinho, pois mantinha "olheiros" em todas as Cortes mais importantes. Seria pois mais uma tentativa da Espanha, de incorporar Portugal e que, como sabemos, não seria a última. Cinquenta anos depois, em 1807, seria feita mais uma. Tentada mais uma vez, quando Napoleão enviou o seu General Junot, para acabar de uma vez para sempre com esse pequeno reino, na beirada do Oceano Atlântico.

Mas nós estamos analisando os fa-

tos ocorridos na década dos sessenta, no século XVIII. Pombal, ministro onnipoderoso, sabia, que seu exército não poderia resistir ao ataque dos eventuais exércitos unidos francês e espanhol. Mas, quando os mesmos chegaram à fronteira de Portugal, eles foram rechassados e tiveram que fazer meia - volta e voltar para casa. Um milagre? Mas, como havia acontecido este milagre?

Pombal sabia do sucesso de Frederico o Grande, que, embora uma nação pequena, havia enfrentado nações poderosas, como a Rússia e a Austria. E convidou um dos generais do rei prussiano, o Conde de Lippe, para vir a Portugal e transformar o exército português em uma força militar semelhante ao exército prussiano. O Conde de Lippe aceitou o convite e dispôs do tempo necessário, para atender aos anseios de Pombal. Uma das providências mais importantes tomadas pelo citado conde, foi a criação de um Regulamento Militar, que mudou por completo o comportamento do soldado português. Tornou - o mais disposto, mais duro, resolvido mesmo a sacrificar a vida pela Pátria e não se entregar jamais. O mesmo Regulamento Militar foi mais tarde introduzido no Exército Colonial Brasileiro e escreveu o General Otaviano da Silva, que esse Regulamento Militar dos prussianos, introduzido também no Brasil pelo Tenente General João Henrique Boehm, foi um dos fatores da maior importância, para vencermos a Guerra do Paraguai.

Mas em 1762 a situação de Portugal, apesar da presença do General Conde de Lippe em Portugal, a situação estava marcada pela dúvida. Tanto é, que Pombal resolveu preparar a mudança da Corte para o Brasil e não seria a última vez, que isto aconteceu e isto sempre, quando a França e a Espanha se uniam, para atacar Portugal.

Mas em 1762 ficou resolvido providenciar eventualmente a mudança da Corte para Belém do Pará e para tal efeito, Pombal despachou instruções, para deixar tudo preparado. Mandou construir um Palácio de Governo, onde o rei iria residir e também uma Catedral. É o mesmo Palácio do Governo ainda hoje usado como residência do Governador do Estado do Pará e a mesma Catedral, que lá está, grande e faustosa. Ambos os edifícios foram construídos, para acolherem a Corte de Lisboa, em 1762. O que porém não fora necessário, porque acontecera o milagre. Os exércitos francês e espanhol foram rechassados e tiveram que voltar para casa. Fôra um general prussiano o autor dessa façanha, que mais uma vez salvara a existência desse pequeno reino, debruçado sobre as águas do Oceano Atlântico.

Quem porém ficou particularmente encantado com este desfecho mais que feliz, foi o Rei de Portugal, que, ao se despedir o Conde de Lippe, para voltar para a Alemanha, mandou entregar ao mesmo seis canhões, daqueles massiços, que se usava, naquela época. Quando Lippe estranhou o presente e foi verificar esses canhões mais de perto: eram de puro ouro ...

Mas, a vitória de Portugal na Europa, não resolveu os problemas aqui no Sul do Brasil. Os castelhanos consideravam as Capitanias de Santa Catarina e o Continente de São Pedro, atual Estado do Rio Grande do Sul como seu território, com base no que fôra acertado em 1494 em Tordesilhas. Porém Portugal já não reconhecia este Tratado fundando inclusive uma colônia no Rio da Prata, defronte a Buenos Aires. Ao que deu o nome de Sacramento. Mas a Espanha contra-atacou, ocupando o porto do Rio Grande.

Foi essa a época, em que o Conde de Lippe conseguira evitar, fosse Portugal apagado do mapa como nação

independente, caindo todas as colônias portuguesas, inclusive o Brasil inteiro, nas mãos dos atacantes. Seria quase uma reviravolta completa na História da Humanidade, no mínimo do Brasil. Pombal, lógico, também ficou satisfeíssimo e convidou o Conde de Lippe, a se transferir para o Brasil, para aqui repetir a façanha. Mas Lippe não aceitou, recomendou porém o seu auxiliar, João Henrique Boehm, aqui no Brasil mais conhecido aos historiadores, como João Henrique de Bohm. Boehm esteve em Portugal durante um ano, ocupando as funções de Marechal de Campo do Exército Português. E se transferiu depois para o Brasil, para aqui, segundo instruções recebidas de Pombal, montar o Exército Colonial Brasileiro, evitar que a Metrópole fosse sempre novamente obrigada a organizar expedições na Europa, para atender aos chamados da Colônia, que era o Brasil.

Boehm passou a ocupar também no Brasil o posto mais elevado, na hierarquia militar, tanto é, que, nestes assuntos, possuía mais poderes, do que o Vice-Rei. Um detalhe importante, porque Boehm introduziu aqui algo, que até então não existia aqui: o pagamento pontual do soldo aos soldados. E passou a agir com rapidez, porque sabia ele perfeitamente, que a Espanha iria agir em seguida aqui no Sul. Onde houvesse a possibilidade de criar uma tropa, seja de infantaria, de cavalaria ou de artilharia, esteve Boehm pessoalmente e decorrido pouco tempo, estava formado o Exército Colonial Brasileiro. Não era lá grande coisa, apenas uns 5.000 soldados, mas estavam bem treinados e equipados, prontos, para entrarem em ação logo em seguida. Os planos de Boehm eram, reconquistar o porto do Rio Grande e, caso fosse preciso, ir em socorro da Colônia do Sacramento.

E quando Boehm achou chegado o

momento certo, embarcou junto com toda sua tropa até Laguna, desembarcou lá e fez marchar o seu pequeno exército, pela praia, até São José do Norte, pequena localidade situada de frente à cidade do Rio Grande, que estava ocupada pelos espanhóis.

É interessante observar o comportamento de Boehm. Passou a observar, dia e noite, o lado oposto, colhendo informações dos pescadores, que lhes vi-nham oferecer seu pescado e eventuais visitantes, que lhes chegavam do outro lado, eventualmente espiões. Mas não falava, nem aos seus próprios comandados, nem os próprios oficiais sabiam o que passava na cabeça do seu comandante. Só sabiam, que o mesmo levanta-va quase toda noite, de madrugada, ainda no escuro, para observar, o que se passava sobre as águas e do outro lado. E controlar pessoalmente os sentinelas. Mantendo porém a tropa em prontidão permanente, dia e noite. Prontos para o ataque, que sabia ele, de forma nenhuma não poderia falhar, pois de outra forma todo o seu trabalho teria sido feito em vão.

E foi numa dessas madrugadas, ainda tudo escuro, que ele deu a ordem de atacar. Surpreenderam o inimigo, que dormia na santa paz do Senhor e que não tiveram tempo, para organizar a defesa. Assim, o Rio Grande, na época o "Continente de São Pedro" voltou a pertencer a Portugal, isto é, ao Brasil.

Madrid não gostou da notícia. Mais uma derrota, em tão breve espaço de tempo. Prepararam uma expedição militar, a maior, que jamais atravessou o Oceano. 19 naus de guerra, acompanhando um exército de 9.000 soldados, distribuídos em 96 navios de transporte. Como se vê, a medida era para valer.

Isto foi em 1777. Chegando a 20 de fevereiro daquele ano na Ilha de Santa Catarina e em vista desse poderio militar gigantesco, as nove fortalezas e

fortins construídos pouco antes pelo primeiro Governador da Capitania de Santa Catarina, Silva Pais, por sinal engenheiro militar, resolveram capitular, antes de darem um só tiro. E assim Santa Catarina voltou mais uma vez, mas a última, para a posse dos espanhóis. Mas por pouco tempo, porque, neste interim, na Europa, Portugal e Espanha haviam se reunido, para tratar de dar um fim para as suas divergências territoriais na América do Sul. E resultou o Tratado de Santo Ildefonso, uma pequena localidade em território português, onde ficou convencionado, que Portugal desistiria do Rio da Prata e do Uruguai e Espanha concordaria com a posse definitiva, de Portugal, de todas as terras situadas ao Norte do Arroio do Chuí.

Resolvido este problema, pelo menos até que eclodisse a guerra contra Rosas em 1852 e a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, Boehm voltou para o Rio de Janeiro, onde fixou residência. Não voltou mais para sua terra natal. E aqui elaborou um trabalho, em francês, recomendando a colonização do interior do Rio Grande do Sul por colonos lavradores, que, em tempo de paz, se ocupariam em plantar e fornecer alimentação para as cidades, mas que em tempo de guerra seriam convocados, para defender as fronteiras do Brasil.

Esta segunda metade do século XVIII trouxe em seu bojo mais um detalhe dos mais importantes para o futuro do Brasil. Aparentemente Pombal sentiu em seu íntimo, chegando à conclusão, que forças misteriosas ligavam alemães e portugueses e que estas relações amistosas poderiam muito bem ser estreitadas ainda mais. Na época, a Metrópole portuguesa chegou à conclusão, que sozinhos não lhes seria possível, nem povoar, nem defender essa vastidão de terra, que representava, já naquela época, o Brasil. Que neste setor deveria haver a colaboração de al-

guma outra nação, mas que fosse amiga. Com base nestes pensamentos, o Conselho Ultramarino elaborou uma Resolução, em que reconhece esta realidade recomendando, que os povos alemães fossem convidados a colonizar no Brasil, excluindo porém nesta Resolução, expressamente, as nações concorrentes colonialistas, os castelhanos, os franceses, os ingleses e os holandeses. Isto, praticamente, meio século antes de se iniciar, no tempo de Dom João VI, que esteve no Brasil de 1808 até 1821, a vinda de alemães, visando a fundação de colônias agrícolas, pois os alemães são, na essência, plantadores e, apenas em segundo lugar, industriais.

Foi Dom João VI, que criou a legislação necessária, para que súditos de nações amigas pudessem se fixar no Brasil, permitindo, que tais cidadãos pudessem adquirir propriedade imóvel no Brasil, que pudessem exercer a profissão de comerciante e fundar indústrias. Obedecendo assim às recomendações contidas na Resolução do Conselho Ultramarino, no tempo de Pombal.

Quem porém pôs em andamento esse projeto grandioso, foi a sua nora Dona Leopoldina, que conseguiu a adesão de Dom Pedro I e do seu ministro principal, José Bonifácio de Andrada e Silva. Ainda antes do brado de Dom Pedro I nas margens do Ipiranga, José Bonifácio despachou para a Corte austríaca, depois da derrota de Napoleão em 1815 o fiel da balança da política na Europa, um enviado especial, o Major Schaeffer, que levou a missão de influenciar o Príncipe Metternich a favor da independência do Brasil, e, em seguida se fixar em um dos portos alemães, onde deveria angariar, dentro desse fluxo enorme de emigrantes, que se dirigiam para os Estados Unidos, um e outro soldado com instrução militar e também famílias de colonos para o Sul do Brasil. O espírito de Pom-

bal esteve presente, quando José Bonifácio tomou esta medida.

O Batalhão de Estrangeiros, criado por Lei em 1823, era um desejo especial de Dom Pedro I, que sabia, que, uma vez declarada a independência, não mais poderia contar com as tropas portuguesas estacionadas no Brasil. E foi certamente a sua esposa, a imperatriz Dona Leopoldina, que lhe deu a sugestão, de contratar para a sua Guarda Palaciana soldados alemães, os quais, após a derrota final de Napoleão, estavam à disposição.

Schaeffer se desincumbiu da melhor maneira dessa sua missão. Fixando residência em Hamburgo, encaminhou para o Brasil, nos cerca de seis anos, que estava lá, perto de 10.000 emigrantes alemães, incluindo colonos, que, no começo foram fixados em Nova Friburgo e depois em São Leopoldo, colônia agrícola fundada em 25 de julho de 1824. Assim, os projetos, tanto do Conselho Ultramarino, como também do Tenente General João Henrique de Bohm estavam em andamento. E poderiam dar um resultado mais que grandioso, caso não fosse a atração dos Estados Unidos para os emigrantes alemães em geral, pois, segundo estatísticas conhecidas, de 1840 até 1891 os Estados Unidos receberam, somente pelo porto de Hamburgo, cerca de 10 milhões de imigrantes, quando o Brasil recebeu em um século, de 1850 até 1950 apenas cerca de 430.000 alemães. Assim toda a potência, que os emigrantes levavam consigo, foi se expandir principalmente nos Estados Unidos, com os resultados, que hoje nós conhecemos. E não deixa de ser interessante saber, que no último Censo realizado em 1980 nos Estados Unidos, mais da metade da população branca, isto é, 51% declarou, que descendiam de imigrantes alemães.

Sabemos, pela História da Colonização do Brasil, que a Nova Friburgo

é a São Leopoldo se seguiram grande número de fundações de colônias alemãs aqui no Sul. Basta lembrar-nos de Joinville, de Blumenau, de Brusque, de São Bento do Sul, de Jaraguá do Sul e muitas outras, hoje esteios importantes do progresso do Brasil.

Mas, a colaboração dos alemães não cessou com a fundação desse grande número de colônias agrícolas, também no Rio Grande do Sul, que hoje já se estendem pelo interior do Paraná, Mato Grosso e até Goiás, garantindo para o Brasil essas safras fenomenais de grãos e outros produtos agrícolas. É verdade, o que não devemos esquecer, desde 1874 ajudados pelos imigrantes italianos e seus descendentes. Alemães e italianos: dois povos essencialmente plantadores, assim como os japoneses. Onde essa gente se fixa, surge, como por encanto, a riqueza, a prosperidade. Transformando em realidade a previsão de Pero Vaz de Caminha: "Em se plantando, tudo se dará nesta terra maravilhosa". Como se vê, basta plantar...

Em 1852 o Brasil estava em guerra, não vamos dizer, contra a Argentina, mas contra o seu ditador Rosas, que estava perturbando o sossego na região do Rio da Prata. Nessa guerra, por sinal breve, aconteceu uma batalha, a de Monte Caseros, na fronteira do Rio Grande do Sul, porém do lado argentino. Esta batalha foi decisiva e foi ganha pelo Brasil. Rosas foi derrotado e fugiu para a Europa. Aliados dos brasileiros foi um batalhão de artilharia, que se constituía de artilheiros contratados pelo Governo Imperial na Alemanha, em tempo hábil, pois nós aqui sabíamos, que essa guerra era inevitável e havíamos contratado alguns milhares de soldados alemães, o que naquela época era possível, com alguma astúcia, porque o Governo Alemão era contra essas contratações. Esses arti-

lheiros alemães ficaram conhecidos na História do Brasil como os "Brummer", uma expressão onomatopáica, pois imita o ruído provocado pelos canhões, ao serem disparados ao longe. O General Bertoldo Klinger, Chefe da Revolução Paulista de 1932, escreveu um livrinho sobre essa batalha e onde o mesmo destacou a atuação daqueles artilheiros alemães, que contribuíram e em muito, para a vitória dos brasileiros.

E, por simples sentimento de justiça, temos que lembrar a participação dos voluntários alemães na Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870. Igualmente como no caso da Guerra contra Rosas, também esta nossa guerra não foi contra o Paraguai, mas contra o ditador Francisco Solano Lopes, que queria estender o seu território até o Oceano Atlântico, incluindo em seu território mais ou menos os atuais Estados do Paraná, Santa Catarina e eventualmente também o Rio Grande do Sul e o Uruguai. Último estertor do Tratado de Tordesilhas, pelo qual todas estas terras pertenciam realmente aos castelhanos e o ditador paraguaio certamente queria assumir esta rica herança, ignorando, que a História já havia enterrado esse Tratado.

Também esta guerra, desde o início quase foi decidida por duas batalhas, uma naval, do Riachuelo e outra campal, a de Tuiuti, esta última a 24 de maio de 1865. A maior e a mais sangrenta batalha campal jamais travada em terras da América do Sul. Dela participaram todos os exércitos dos quatro países empenhados nesta guerra, de um lado os brasileiros, os uruguaios e os argentinos e do outro lado, os paraguaios. Seja lembrado aqui, que o citado ditador já se vinha preparando há muitos anos para esta guerra, possuía o maior exército do continente, cerca de 80.000 homens em armas, uma gente bem treinada. E ha-

via construído ao longo do Rio IParaguai diversas fortalezas, cuja conquista atrasou o final da guerra. Mas a guerra em si foi decidida em Tuiuti.

No auge da luta, as forças pareciam equilibradas. A decisão final dependia de um esforço extra, de um dos lados. E o ditador resolveu desfechar este golpe, para decidir a batalha a seu favor. Dispunha o mesmo de uma Cavalaria fenomenal, mais de 2.000 cavalos, que o ditador resolveu lançar contra um setor da frente de batalha, onde lhe parecia, a resistência dos brasileiros era a mais encarniçada. Era a trincheira dos artilheiros voluntários alemães gaúchos. 71 artilheiros, que em grande parte já haviam participado da batalha de Monte Caseros, em 1852. Haviam recebido recentemente, importados diretamente da Inglaterra, canhões novos, Armstrong, na época os melhores. Sobre essa muralha de canhões é que Francisco Solano mandou a sua cavalaria atacar. Furo ato de desespero. Salva após salva foram disparadas contra essa avalanche de cavalos, que tentavam se aproximar a galope. Tiros disparados por gente, que sabia lidar com canhões e em breve, daquela luzida cavalaria paraguaia, a mais bonita, a melhor da América do Sul, o que restava, era uma montoeira de cavalos mortos ou feridos, se debatendo no chão, esmagando os seus cavaleiros, reduzindo a zero a última esperança do ditador, de vencer esta batalha, a primeira em território paraguaio.

Durante este desfecho, o General Sampaio, ferido de morte, caído sobre um dos canhões e abraçando o cano desse canhão, gritava de punho cerrado contra os atacantes: "Por aqui Vocês não passam! Por aqui Vocês não passam!!"

E não passaram. Estava decidida a batalha, a favor do Brasil. Os voluntários alemães gaúchos, os que durante

longos anos haviam sido colonos, haviam transformado em realidade o sonho do Tte. General João Henrique de Bohm: "Em tempo de paz, colonos, em tempo de guerra, soldados!". Mais uma vez, os "Brummer" haviam cumprido o seu dever.

Mas os nossos Voluntários da Pátria alemães, de Joinville, de Blumenau e de Brusque, quando chegaram ao teatro de operações, em Corrientes, os nossos voluntários, entre os quais dois suíços, foram destacados pelo Alto - Comando Aliado para guarnecer militarmente a canhoneira "ARAGUARY", comandada pelo Tenente Luís de Hoonholtz, mais tarde Barão de Teffé e sogro do Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República de 1910 a 1914.

A tripulação dos nossos navios de guerra era constituída normalmente apenas de marinheiros, para os serviços de bordo e de navegação, maquinistas, foguistas, etc. Para as ações de guerra, esses navios recebiam guarnições especiais, artilheiros e carabineiros, de tropas de terra. Nossos voluntários foram pois na época autênticos precursores dos atuais fusileiros navais.

Embarcados em vários navios de guerra, os voluntários de Joinville, de Blumenau e de Brusque participaram de diversas ações de guerra, por exemplo, conduziram o General Osório diretamente até às barrancas do Rio Paraná, do lado do Paraguai, quando Osório saltou, como primeiro, em território inimigo. Uma ação perigosa, mas que deu certo. Guarneceram também o navio de guerra "CISNE", com que o Alto - Comando aliado, generais e almirantes das três potências aliadas, Brasil, Uruguai e Argentina, subiram no Rio Paraná, sob o tiroteio dos fortins paraguaios, para localizar o melhor ponto, no lado oposto, para a travessia do Rio Paraná e iniciar a invasão do território paraguaio. E afinal,

quando a guerra estava quase no fim, os nossos voluntários policiaram o Quartel - General do Marechal Conde d'Eu, Comandante em Chefe das forças brasileiras do Paraguai.

Meus caros ouvintes:

Resolvi terminar por aqui o meu trabalho. Poderia, caso assim fosse necessário, produzir um trabalho muito mais amplo. Assunto, realmente não falta. Procurando assunto, assim me parece, o mesmo aumenta em progressão geométrica. E vem se expandindo também nos dias em que vivemos, quando vem surgindo sempre novos casos de cooperação dos alemães, nos mais variados setores. Mas resolvi restringir este trabalho apenas para os casos de cooperação dos alemães no descobrimento, na ocupação do solo brasileiro e na defesa deste mesmo solo, principalmente contra castelhanos e franceses.

A participação dos alemães na estruturação da Cultura no Brasil daria assunto de sobejo para um livro. A História da Imigração alemã no Brasil daria assunto para uma obra de muitos volumes. E a industrialização do Brasil: já pensaram? Vamos deixar de lado São Paulo, o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Vamos apenas nos lembrar desta nossa terra mais querida, Santa Catarina: aqui em Joinville, as Indústrias Hansen, a Fundação Tupy, a Consul, a Embraco, depois em Jaraguá do Sul a WEG, em Blumenau a Hering, em Brusque, a Renaux, em São Bento do Sul o Klimmeck e muitas outras mais, que não me é possível citar especialmente: praticamente todas ocupando lugar de destaque no contexto industrial do Brasil e mesmo da América do Sul.

Ficando por aqui, estou certo, de haver focalizado, com isenção, uma série de aspectos da presença dos alemães na construção daquilo, que hoje

chamamos PÁTRIA BRASILEIRA. E essa colaboração foi imensa, quase infinita, impossível de se avaliar por inteiro. E hoje o Brasil é o que está aí, o deve boa parcela à contribuição espontânea dos alemães, desde o descobrimento, até os dias atuais. Os alemães sempre foram aliados e amigos, tanto de Portugal, como também do Brasil. Sempre consideramos o Brasil também nossa Pátria. Ainda recentemente o Mercado Comum Europeu se abriu para Portugal, acolhendo este pequeno país, que nos meios econômicos europeus é conhecido como "a esquina pobre da Europa", como membro e para todos os efeitos, que já estão começando a serem sentidos. Por detrás dessa incorporação econômica de Portugal no MCE estava a República Federal da Alemanha, que com este gesto deu mais uma demonstração, que a amizade entre os dois países não fica apenas nas palavras amistosas pronunciadas por ocasião das visitas dos Chefes de Estado.

Meus caros leitores:

O presente trabalho está perseguindo, desde o início, um objetivo de alto nível. É preciso formar e fortalecer sempre mais uma fraternidade indissolúvel, seja entre Portugal e Alemanha, seja entre a Alemanha e o Brasil. Nós somos povos fraternos, pois nós nascemos fraternos. Diante dessa imensidão de cooperação, que se estende já por longos 1.500 anos, certamente está na hora de se tomar providências, para que futuramente esta nossa fraternidade jamais possa ser quebrada em hipótese alguma. Que jamais possa ser rompida por alguma nova guerra. Assim como nós brasileiros recusamos veementemente qualquer ação bélica contra Portugal, a mesma mentalidade deve fazer parte do nosso pensar político e para sempre, no que diz respeito

à Alemanha. Mantendo firme, pelos séculos afora, a mesma fraternidade, que já nos acompanha fazem 15 séculos. Um fato, que nos deixa a todos inten-

samente felizes, sejamos brasileiros lusos, sejamos brasileiros teutos.

ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER

IMIGRAÇÃO/COLONIZAÇÃO

Questão Racial ou Questão Política?

DER URWALDSBOTE

Nº. 48

Sábado, 25 de Maio de 1901.

Ano 8

A Questão Racial (III).

Barbosa Lima, que nós citamos no final em nosso artigo anterior, não é um mau estilista. Numa linguagem entusiástica e florida expõe suas angústias patrióticas. Ele entende até, acertar o tom da profecia da velha liga, quando profetiza ao seu povo a desgraça que os estrangeiros ainda trariam ao seu país. Não só o perigo alemão, mas também o italiano lhe rouba o sono. Perigosamente ele prevê o exspectro da desnacionalização; já antevê, no Congresso Nacional. "Rio de Janeiro será a cidade dos estrangeiros" meio Roma, meio Berlim. O estrangeiro tomaria o poder e aos filhos da terra só seriam ainda permitidos. Alerta! Brasileiros e se preparem para a luta santa pro aris et docis!

Fraseologia! Excesso retórico! O perigo estrangeiro é um tema agradecido, para empregar declamações patrióticas, com a qual se pretende encobrir a pobreza de pensamentos positivos. Ele mesmo não pode criar e por isto quer impedir que outros o façam.

Que Brasil sofre de outros males, do que da supremacia de estrangeiros, todos tem conhecimento. Se a gente expulsasse os estrangeiros este país não lucraria

nada, mas perderia muito. Será que os estrangeiros são culpados das habituais fraudes eleitorais, que fez da República um quadro deturpado da incapacidade administrativa que sobrecarrega o povo com impostos, sem fazer algo de útil — com uma palavra: são os estrangeiros culpados da visível corrupção política? E tem os estrangeiros a responsabilidade pela atual crise econômica, da qual eles são justamente os mais atingidos?

A nosso ver seria mais patriótico, pensar numa melhor organização administrativa e dar mais atenção aos problemas econômicos do que fechar os olhos diante destes males e fazer com constante maldade, alarde contra os estrangeiros.

Da ambição natural dos imigrantes em conservar seu idioma e costumes, não surge nenhum perigo para a conservação da União, tão pouco da exigência em destacar na prática seus direitos garantidos constitucionalmente. E se mesmo alemães ou italianos estivessem representados no Congresso como deputados, então participariam como cidadãos brasileiros, nas decisões sobre o bem estar do país e ficariam

atrás de seus colegas brasileiros, em vontade de trabalhar e patriotismo. Não há nenhum motivo em ignorar a participação de alemães e italianos no corpo legislativo.

Se dedicar seriamente as questões vitais do povo brasileiro, reformar a administração basicamente, promover a colonização e fazer com consciência prática política econômica: isto é realmente patriotismo. Mas os senhores não ultrapassam da palavra patriotismo.

O que faria mal ao país, se de fato se decidissem em arrendar a ferrovia central, anulassem a lei de cabotagem e vender o Loyd Brasileiro a uma Cia. capitalista estrangeira, já que a mesma não pode viver nem morrer? Seria tão pouco em prejuízo da mesma, como é terem colocado um alemão na direção do Banco da República, para pôr ordem nele, quando o caos estava diante da porta.

Os senhores que nos governam, farão bem em dirigir seus olhos primeiro ao que realmente o país precisa, a promoção dos interesses materiais. A questão do idioma que Barbosa Lima aborda, terá uma resposta mais tarde. Nós não achamos impossível que no futuro no Brasil, o alemão e o italiano terão o seu destaque junto ao idioma português, assim como na Suíça ao lado do idioma alemão, o francês e o italiano têm os mesmos direitos. Para a união política da Suíça não surgiram desentendimentos pelos múltiplos idiomas.

Diante desta perspectiva o que se relaciona a ela, como dissemos, nenhuma é urgente. É preciso deixá-la amadurecer. Mas os jacobinos que nada vêem de

importante numa reorganização administrativa e não entendem muito das questões econômicas, precisam de uma área, na qual possam atuar. Ali a instigação contra os estranhos vem a propósito. Aqui não é necessário estudos e conhecimentos; emprega-se apenas alguns títulos de destaque.

Mas uma coisa não se deve esquecer. Os portadores das palavras do nativismo são quase todos políticos profissionais, médicos, advogados, estudantes, politizadores, etc., e seus seguidores se recrutam na maioria com as camadas mais baixas da população dos grandes centros. A sólida camada média na qual se incorporam as qualidades simpáticas e respeitadas do povo brasileiro, as classes realmente produtoras estão afastadas destas manobras indignas. Estes se importam mesmo muito pouco com o que aqui no país se chama de política, pois participar da corrupção não querem e para combater contra o sistema prejudicial talvez lhes falta energia.

Para finalizar, mais uma palavra, sobre o jogo do nativismo, que vemos crescer em nosso meio. É uma prova. Grande em palavras, pequena em ações, incapaz para uma criação útil e sem compreensão para deveres econômicos. Mas cheio de artimanhas e nunca acanhados em suspeitar o adversário. Cada palavra ao acaso é virada e deturpada até uma convocação à traição da pátria, até que surge no mínimo uma ofensa à Nação Brasileira. Então os tambores entram em atividade. Bum! Bum! Bum! E os jacobinos encontram auxílio nestas manobras entre os que se dizem alemães, isto é o humor do fato.

Ass.: E. F. (Eugen Fouquet).

“A Verdade Fantástica”

Embora pernambucano de nascimento, Oliveira e Silva (1897/1989) viveu muitos anos em nosso Estado, como advogado e magistrado, ligando-se para sempre à vida cultural e judiciária catarinense, tendo mesmo ocupado uma cadeira na ACL. Poeta, ensaísta, romancista, memorialista e jurista de renome, seu conhecido “Código de Processo Civil” me acompanhou ao longo da vida profissional e descança hoje entre os livros conservados apenas pelo valor afetivo.

Dentre seus múltiplos trabalhos, um existe que mexe com todos que se dedicaram às carreiras jurídicas e ao estudo do Direito. Refiro-me ao romance “A Verdade Fantástica” (Editora Aurora — Rio — 1955), que considero uma das grandes obras nacionais que romantizam fatos do foro. Muito aplaudido pela crítica e pelos leitores, na época de seu lançamento, não merece o esquecimento em que se encontra, ainda mais quando o país vive em plena liberdade democrática e o Tribunal do Júri, expressão da soberania popular, está valorizado. Foi por isso, e também por uma pitada de saudade do criminalista que eu queria ser, que reli esse romance que me foi oferecido pelo amigo José Finardi.

A trama do livro, embora simples, prima pela inverossimilhança e pode ser reduzida a poucas palavras: acusado de um homicídio o personagem abandona a verdade verdadeira — a pura e simples negativa de autoria — para sustentar uma tese absurda — o acidente muito vago em que a vítima teria caído de um avião em vôo sobre o mar. E isso porque, segundo o advogado defensor, o Júri aceitaria com mais facilidade essa versão maluca e complexa que uma alegação banal em processos criminais como a negativa de autoria, recurso surrado por incontáveis acusados, mesmo contrariando fortes evidências, e por isso desmoralizado. O julgamento final revelaria que o defensor tinha razão, obtendo a absolvição unânime do acusado, mesmo sustentando aquela “verdade fantástica.”

No correr dessa narrativa envolvente, o autor desenvolveu autêntica aula de psicologia criminal, demonstrando a aparente propensão humana pelas coisas mais complicadas. As figuras do juiz, do promotor e do advogado, com suas mentalidades próprias e deformações profissionais, o raciocínio de cada jurado, influenciado pelas respectivas profissões e a formação de cada um, o pensamento do réu durante o próprio julgamento (coisa em que ninguém pensa), as opiniões das testemunhas, peritos e funcionários, tudo é colocado com habilidade não ficção, sem pormenores desnecessários ou cansativos detalhes técnicos. O próprio ambiente do Tribunal, num velho e carcomido prédio onde as deficiências materiais estão evidentes (como sempre...), está retratado com fidelidade no romance, não faltando as manifestações da assistência, os repórteres e até o jovem român-

tico, apaixonado *pest mörten* pela vítima de quem nada mais tinha visto que algumas fotos de jornal.

Penetrando nos insondáveis labirintos da alma humana, o romancista mostra como nem sempre a mentira tem pernas curtas e como, por outro lado, ainda que por tortuosos caminhos a justiça se realiza.

OS 70 ANOS DA ACL

Estive em Florianópolis para a solenidade comemorativa dos 70 anos de Academia Catarinense de Letras, realizada no auditório do Palácio Cruz e Sousa. Na ocasião foi lançada a "Antologia da ACL", alentando voulme que contém o currículo e alguns textos escolhidos de cada um dos acadêmicos, na ordem das respectivas cadeiras, cujos patronos e titulares anteriores também estão relacionados. A apresentação é da autoria do incansável crítico Lauro Junkes, que também lançou, no mesmo dia, o volume "Os Melhores Poemas de Luís Delfino", publicado pela Editora Global e pela Secretaria da Cultura do Estado, ainda na gestão da Secretária Zuleika Mussi Lenzi. A organização, seleção, biobibliografia, fortuna crítica e ensaio introdutório, por sinal excelente, são também de Lauro Junkes, cuja palestra deixou nítida a importância da obra, colocando o grande poeta catarinense que morreu inédito em livro ao alcance do público e numa coleção que abriga as maiores expressões da poética em língua portuguesa.

NOTÍCIAS E EVENTOS

"Fragmentos Urbanos" foi o título da mostra de pinturas de Guilmar Maria Vieira Silva, levada a efeito no saguão do BESC, em Balneário Camboriú. Nascida nessa cidade e radicada há muitos anos em Curitiba, a artista expôs em conjunto de óleos sobre tela em que revela sua visão muito pessoal e criativa da paisagem urbana, desvendando detalhes só perceptíveis pela sensibilidade da pintora. O evento foi prestigiado por um grande número de pessoas.

A Fundação Cultural de Rio do Sul promoveu movimentada noite de arte. Na Galeria de Arte Curt Schroeder, daquela cidade, foram lançados poemas de Lindolf Bell gravados em camisetas (Corpoemas) e o fascículo biobibliográfico do mesmo poeta, publicado pela Fundação Catarinense de Cultura, na série Autores Catarinenses. Aconteceram ainda a exposição coletiva dos artistas plásticos locais, a performance "Corpoema" e um recital de violão.

No Espaço de Arte Açú - Açú, em Blumenau, foi lançado o novo livro de poemas de Martinho Bruning — "Textos Mínimos", — onde o

festejado poeta reúne seus mais recentes trabalhos. Na mesma noite foi aberta a exposição de pinturas de Julieta Bruning, esposa do poeta, autora de obra muito festejada e portadora de extenso currículo. Muitos aficionados da pintura e da poesia estiveram presentes.

No mesmo local foram expostas ao público as expressivas aquarelas de Erica Araújo, também detentora de considerável currículo profissional e artístico. Dois livros, um de poemas e uma antologia de autores do Estado, foram autografados na mesma ocasião.

A exposição fotográfica de Joi Cletison Alves denominada "Moro em Florianópolis" foi aberta no saguão da Fundação das Escolas do Planalto Norte Catarinense, na cidade de Canoinhas. O evento foi muito prestigiado e contou com o apoio da UFSC, da Prefeitura de Canoinhas e de outras entidades.

Agora dirigido por Gerd Klötz, o Departamento de Cultura de Balneário Camboriú está publicando o boletim "Que Fazer", cujo segundo número está circulando. Publicado mensalmente, ele pretende informar tudo que ocorre na cidade e na região sobre cultura, turismo e lazer, incentivando assim essas iniciativas.

Editado por Joel Rogério Furtado, Procurador de Justiça e poeta, volta a circular em nova fase o "Boletim Informativo da Procuradoria - Geral de Justiça." O órgão contém informações de interesse do Ministério Público, assuntos institucionais e administrativos, além de notícias sobre eventos culturais envolvendo a classe ou seus integrantes. O Ministério Público está também reativando seus núcleos de estudos, agora com maior amplitude. O Núcleo de Blumenau, ao qual me integro, é coordenado pela Promotora Rosa Maria Garcia.

Estão circulando novos números das revistas "A Ilha", publicação do grupo literário do mesmo nome, da cidade de Joinville, e "A Figueira", editado em Florianópolis. Ambos contém poemas, crônicas e notícias culturais.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III)

Pe. Antônio Francisco Bohn.

Termo 19: Visita Pastoral de Dom João Becker à paróquia, em 01.06.1911.

Anexos ao Livro: recortes de jornais: A Inundação de Outubro (Blumenauer Zeitung de 07.10.1911), A Inundação do Vale do Itajaí (Jornal A Época, de 07.10.1911), A Inundação de Blumenau (Jornal A Época, de 07.10.1911), A Inundação (Jornal A Época, de 21.10.1911), Primeiras notícias. Primeiras Impressões. O pânico da população (Novidades, de 01.10.1911).

Obs: (Segue-se nova numeração de termos).

Termo 11: 1ª. Eucaristia na capela de Gasparinho de 46 crianças (22.10.), em Ilhota, de 26 crianças (25.10.), em Luiz Alves de 18 crianças (09.11.), em Luiz Alves de 35 crianças (14.11.), e na matriz de 27 crianças (08.12.).

Termo 12: Mandamentos sobre as fábricas (Resenha Eclesiástica, ano I, agosto de 1911, n.º 6, pág. 85).

Termo 13: Pastoral Coletiva dos Srs. Arcebispos e Bispos para 1911 (sem data).

Termo 14: Terceira Carta Pastoral de D. João Becker "Pro Ecclesia et Pontifice" (sem data).

Termo 15: Comunhão geral da mocidade na intenção do papa Pio X (sem data).

Termo 16: Relatório anual de 1911: total de habitantes da paróquia (6.200), famílias católicas (1.030), famílias não católicas (30). Falam o português quase todos, o italiano (100 famílias), o alemão (140 famílias), o polonês (1 família).

Casamentos (50), batizados (295), confissões (9.995), visitas aos enfermos (98), confessados (98), viáticos (93), unções (92), pregações (400), comunhões (9.971), 1ªs. Eucaristias (260), encomendações (51), óbitos (65). Constam também os relatórios das capelas de Santo Antônio de Pádua (Gasparinho), São Sebastião (Ilhota), Nossa Senhora do Rosário (Baú), Sagrado Coração de Jesus (Belchior), escolas paroquiais, associações, número de jornais e revistas recebidos.

ANO DE 1912

Termo 1: Renovação das promessas do batismo, em 01.01. Bênção do incenso, água e giz, em 06.01.

Termo 2: Renovação das provisões de: vigário encomendado, de coadjutor (até 31.12), de celebração de missas nas capelas e dos conselhos de fábrica da matriz e capelas (até 31.01.1913).

Termo 3: Comemoração do aniversário da aparição de Nossa Senhora de Lurdes, em 11.02.

Termo 4: 1.º Congresso Sacerdotal Diocesano, de 17 a 19.01.1912.

Termo 5: Reabertura da escola paroquial com 66 alunos, em 01.02.

Termo 6: Quarta Carta Pastoral de D. João Becker sobre: O Clero e sua missão moderna, em 09.03.

Termo 7: 1ª. Eucaristia de 48 crianças na matriz, em 14.04.

Termo 8: Nomeação de Fr. Anselmo Boeckenholt como novo vigário de Gaspar, em 15.04.

Termo 9: Missões em Belchi-

or com grande participação popular, de 03 a 10.04.

Termo 10: Estrução e Mandamento sobre a Visita Pastoral, em março de 1912.

Termo 11: Procissão do SS. Sacramento, em 09.06.

Termo 12: Quinta Carta Pastoral (despedida) de D. João Becker (sem data).

Termo 13: Relatório anual de 1912: número de habitantes de paróquia (6.300), católicos (6.175),

não católicos (125), casamentos (96), batizados (294), confissões (10.459), visitas aos doentes (78), viáticos (59), unções (59), ías. Eucaristias (172), encomendações (41), comunhões (10.844). Relatórios das capelas pertencentes à paróquia: S. Coração de Jesus (Belchior), Santo Antônio (Gasparinho), São Sebastião (Ilhota), N. S. do Rosário (Baú).

(continua)

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Extraído do livro de M. Deretti — "Apiúna nos meus apontamentos")

Como viviam os primeiros colonos

"Come le bestie dobbian riposar". (Canção dos imigrantes).

As construções eram rústicas. Os palmitos supriam a falta de material. As estacas eram de madeira e os palmitos rachados ao meio ou inteiriços alinhavam-se para fazer as paredes. O chão batido era o assoalho. "As palhas substituíam as telhas, sobrepostas sobre os caibros de palmeira, divididas em partes iguais".

Fedação de troncos de árvores serviam de cadeiras. Caixões vazios, de mesas. "As camas eram de pedaços de madeira amarrados com cipó". A iluminação era feita com lamparinas alimentadas por sebo ou banha.

Com o tempo, os lotes doados pelo Imperador a cada família, tornaram-se pequenos. Media cada um 200 metros da frente por 1000 de fundo. A princípio os colonos acharam ser muita terra, pois em suas pátrias, nunca tinham possuído tais extensões. Mas, em vista de sua numerosa prole, já não chegava. E várias habitações se levantaram no mesmo lote, para abrigar os filhos casados do "patriarca".

Introduziu-se também o costume de reunidos todos os irmãos desistirem da propriedade em favor de um só, geralmente o caçula, com a condição deste sustentar os pais em sua velhice. Os irmãos desistentes iam à procura de outros lotes, em geral perto dos parentes. Mas este primitivo sistema agrário nem sempre colhia êxito. Os pais que ficavam com o herdeiro, frequentes vezes incompatibilizavam-se com nora ou genro, advindo daí sérias dificuldades.

Talvez aí estejam assentadas as raízes da grande falha atual da organização agrária de quase todo o Vale do Itajaí: o minifúndio. Muita potencialidade para o trabalho em técnicas e mão-de-obra, e pouca terra. E o problema prossegue em direção ao futuro, desafiando a capacidade e perspicácia de nossos governantes.

Todavia, os trabalhos de colonização foram avante. Cultivava-se

em grande escala, nos citados lotes, o aipim, o feijão, o milho, a cana, hortaliças várias, frutas, etc. Abundava o gado leiteiro e a consequente produção de leite, queijo e manteiga.

Os italianos, habituados a tomar vinho com polenta já na primeira refeição da manhã, desde logo iniciaram a plantação de videiras. Mudas necessárias foram obtidas em Blumenau. Passados três anos, os parreirais estavam carregadinhos de uva. O vinho começou a correr pelas cantinas. Estranhos lagares, em forma de cochos adequados exprimiam o rubro sangue vegetal, pressionados os cachos de uva pelos pés dos vinhateiros, que em marcha dionisiaca anteviam com satisfação o prazer da bebida de sua preferência.

Construíram-se os primeiros alambiques coloniais. Plantou-se muita cana, sobretudo a chamada "caiana" e "gorda", com resultados bastante satisfatórios. Fizeram-se então os engenhos onde a moenda de madeira era acionada por cavalos e bois. A garapa era posta a ferver até "chegar no ponto" em caldeiras de cobre. Depois o açúcar, ainda sob forma de melado, era depositado em cochos até coalhar. Passava a seguir para barricas, escorrendo o melado supérfluo. Finalmente era secado ao sol, sobre esteiras. Era o açúcar "grosso", de uso generalizado, rico em vitaminas. Com o tempo começaram a surgir os alambiques de cachaça. Estes engenhos cresciam numerosos. Devido, porém, às exigências do fisco da Fazenda Pública, definharam lamentavelmente. Hoje sobreexistem alguns, por exceção.

Era também comum o fabrico de vinho de laranja, de sabor requintado. Atribuía-se-lhe propriedades medicinais e recomendava-se aos enfermos que tomassem pequena dose pela manhã. Atualmente não existe mais empenho na produção de vinho, tendo sido a cultura da videira muito descuidada pelas presentes gerações. Já não se vêem mais os parreirais que dominaram vastas áreas de nossa terra.

Doações de livros históricos ao Arquivo

O nosso Arquivo Histórico tem recebido, como doações, os mais variados objetos de valor histórico. Como há pouco recebemos o menor livro do mundo, que foi para o Museu da Família Colonial, também recebemos outras obras importantes para serem catalogadas no Arquivo Histórico. Portanto, de acordo com o registro nr. 09/1991, do nosso Arquivo, lá estão catalogadas obras doadas pela Sra. Lilly Hering, dentre as quais as obras de valor histórico de Paulo Malta Ferraz, jornais da década de 1950, inclusive o Guia Público de autoria de Otto Wille. Conforme o

registro de doação nr. 19, de 02 de abril último, a sra. Lilly Hering também doou cópias dos livros «Música Maestro» e No Reino da Confusão, do caricaturista Bellmonte. No registro nº. 183, de 04/07/91, a mesma doadora ofereceu Mapa da Alemanha, além de quatro atlas diversificados. Por sua vez, a Sra. Nora Kegel também fez doação de um dicionário e um Atlas alemão, cujas doações foram registradas sob o nº. 15 no nosso Arquivo Histórico. Os nossos agradecimentos pela valiosa colaboração destas doações.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie - Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícias de 29 de maio de 1866:

Dona Francisca — No dia 22 de maio, terceiro dia da Festa do Espírito Santo realizou-se a excursão organizada pelas sociedades de canto "Sangerbund" e Helvetia à propriedade de S.A.R. o Duque de Aumale. O número de participantes foi enorme pois além dos sócios das duas agremiações tomaram parte os ginastas e os sócios da "Harmonie - Gesellschaft", bem como numerosas pessoas, não pertencentes a nenhuma dessas associações. Não poderia ter sido mais lindo o dia! O céu, despido da roupagem cinzenta dos dias anteriores, apresentava-se no mais límpido azul. Tão sedutora entrava a manhã pelas janelas, que os mais aferrados dorminhocos pularam das camas quando o som do clarim começou a soar, convidando a todos para os preparativos. Muitas donas de casa, animadas pelo esplendor da manhã, devem ter enriquecido com mais um petisco o farnel e muitos pais de família talvez tenham colocado mais uma garrafa na sacola. Que animação aquela nas ruas de Joinville! Carros enguirlandados e embandeirados, cavaleiros alvoroçados, ginastas, cantores e companheiros de coral, mocinhas que sapateavam impacientes ao lado de sizudas mães — tudo num colorido vaivém diante do restaurante Ravache, quartel general da organização. Até que enfim, às 8 horas, foi se desvencilhando de toda aquela barafunda um agrupamento harmonioso sob a orientação dos organizadores da excursão. Ginastas a cavalo de bandeira desfraldada, seguidos de uma banda de música, eletrizante nas músicas apresentadas, depois uns 30 carros e carroças, abarrotados de gente alegre, endomingada e por fim, outro grupo de cavaleiros, que haviam enfeitado as cabeças dos animais de maneira bem original. E assim, o grupo foi desfilando pelas ruas da cidade a fim de alertar os possíveis retardatários. Foram, talvez mais de 300 os participantes da excursão. Formando longo cortejo, foram deixando a cidade, subindo pela Estrada da Serra. De um modo geral a viagem correu maravilhosamente bem, sem incidentes. Até mesmo o capotamento de um carro, cuja boléia foi desequilibrada pela traseira de um animal, apenas contribuiu para aumentar a alegria geral pois o barro úmido proporcionou aos acidentados uma cama, não muito bela, porém macia. É bem verdade que houve vários engarrafamentos, inevitáveis com aquele número de carros e cavaleiros assim como pequenos acidentes e avarias nas selas, nos arreios e nas rédeas, motivaram paradas, de maneira que o grupo somente após três horas de viagem alcançou a margem do Cubatão onde se localiza a propriedade. O encarregado de S.A.R. o Sr. Brustlein, tinha feito tudo que estava ao seu alcance, para proporcionar aos excursionistas uma estada das mais

agradáveis, pondo à sua disposição o pátio diante as casas e todos os seus compartimentos. A construção com a nova máquina a vapor, recentemente montada foi franqueada a todos os visitantes e o grande galpão oferecia o descanso merecido a todos. Depois de saciada a fome que já se fazia sentir com um bom lanche e após a visita às dependências da propriedade, os cantores das duas sociedades apresentaram diversas canções em conjunto dando assim um sentido mais elevado à festividade daquele dia. Infelizmente as canções apresentadas ali ao ar livre, não permitiram a apreciação total e devida de toda a sua sonoridade e harmonia. Pelas três horas da tarde iniciou-se a viagem de regresso, deixando a margem do Cubatão na mesma ordem da ida e entrando na cidade ao som efusivo da banda de música ao escurecer. Os participantes ainda continuaram reunidos no Salão Ravache festejando o acontecimento com danças e canções até além da meia noite. Finalizamos este relato com vivas calorosos aos organizadores da festa, que tão bem se desincumbiram da tarefa de oferecer a todos um dia tão agradável e divertido. "Vivat sequens!"

A coleção completa do "Kolonie - Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

O menor livro do mundo encontra-se em nosso Museu

A Fundação «Casa Dr. Blumenau» acaba de receber, através do prefeito Victor Fernando Sasse e entregue por seu assessor Carlos Braga Mueller, um exemplar do menor livro do mundo. Trata-se de uma obra de extraordinário valor histórico e que evidencia uma técnica admirável usada em sua composição, já que o livro possui, de comprimento, apenas 5 (cinco) milímetros; de altura, também 5 (cinco) milímetros e a espessura de apenas 2 (dois) milímetros. Esta obra, que agora acha-se em exposição no Museu da Família Colonial, à disposição de todos quantos queiram vê-la exposta, foi doada por Wolfgang Born, da cidade de Kuemmersbruck, República Federal da Alemanha. Born é amigo de Blumenau há longos anos e sempre que tem possibilidade, está em

contato com nossa cidade. Por isso que, de posse do exemplar deste admirável trabalho gráfico, decidiu doá-lo a Blumenau, fazendo entrega ao Prefeito Victor Sasse.

Este livro de tão diminutas dimensões, parece até incrível, mas possui, em suas páginas, escrito em sete línguas, o Juramento Olímpico. Os idiomas são os seguintes: Alemão, Inglês, Francês, Grego, Italiano, Sueco e Finlandês.

Consegue-se facilmente a leitura dos textos através de uma possante lupa que acompanha o livro e que lhe serve de recipiente.

Desde a colocação desta obra em nosso Museu, inúmeras têm sido as pessoas que têm procurado conhecê-la, pela curiosidade que a mesma desperta.

Resumo biográfico de Felipe Bündgens

21/9/1884 - 21/2/1944

Felipe Bündgens nasceu na cidade de Aachen, Alemanha, a 29 de setembro de 1884. Diplomou-se em Engenharia Civil, profissão que exerceu em sua terra natal, na China e no Brasil, para onde veio em 1912, passando a viver em Blumenau, cidade que considerou sua segunda pátria. Casou-se com Augusta Vitória Weidmann, que passou então a assinar-se Augusta Vitória Bündgens. A família Weidmann imigrou em 1902, para Ibirama, então pertencente ao município de Blumenau.

Como engenheiro na Alemanha, Felipe Bündgens aceitou um contrato para dirigir a construção da parte norte da Estrada de Ferro de Tientsin-Pukow, na China, tendo viajado para aquele país asiático, onde permaneceu durante quatro anos, até a conclusão da obra. De retorno à Alemanha, recebeu convite, da Empresa Construtora «Grün Und Billfinger», para, como engenheiro, dirigir no Brasil, a construção de uma parte da Estrada de Ferro que ligaria a sede do município de Blumenau ao interior, até Ibirama (Hansa-Hamônia). Aceitou o encargo e transferiu-se para Blumenau, onde, após a conclusão da Ferrovia, resolveu permanecer com a esposa. Durante muitos anos prestou serviços para o Sindicato Agrícola de Blumenau, planejando e construindo as estradas vicinais do município e outras de maior porte, como, por exemplo, a estrada Blumenau-Rio do do Sul-Trombudo-Lages.

Na sua temporária estada em Lages, em 1916, por solicitação dos Padres Franciscanos, projetou e construiu o Convento e a Capela da Ordem.

Em Blumenau, dedicou-se à construção civil, tendo sido o responsável técnico pela construção de diversas residências, entre elas, no ano de 1915 ainda por encomenda dos Franciscanos, a casa que abrigou as famílias de dois professores da Escola Paroquial, na Rua 15 de Novembro, a qual acha-se documentada através de cartão-postal. Destaca-se também outra obra, ainda no ano de 1915: o Hospital Santa Isabel, também objeto de cartão-postal.

Em 1917, atendendo a chamado profissional, deslocou-se com a esposa, para Itajaí, onde nasceu seu primeiro filho, que recebeu o nome de Hans.

Já de volta a Blumenau, em 1918, escolheu para residência uma aprazível casa no distrito de Salto Weissbach, onde nasceu seu segundo filho, Frederico Guilherme.

Um pouco mais tarde, em razão da construção das estradas de rodagem sob sua direção, no interior do município, mudou-se, com a família, para Ibirama (Hamônia), então pertencente a Blumenau. Ali, em 1921, nasceu seu terceiro filho, Raoul Albrecht. Mesmo residindo em Ibirama, seu contato com Blumenau era permanente, pois na sede do município mantinha grande número de amigos e sentia-se como em seu próprio lar. Entre suas

amizades contava-se o Prefeito Curt Hering, que o convidou para exercer a função de engenheiro da Prefeitura. Neste período, realizou diversas obras, destacando-se a construção do prédio (1927) onde funcionou, por muitos anos, a sede dos Correios e Telégrafos. A construção deste edifício, registrada em cartão-postal, deveu-se à iniciativa particular de Curt Hering, que financiou a obra.

Durante o governo do Dr. Hercílio Luz e Adolfo Konder, foi morar em Florianópolis, onde durante alguns anos exerceu o cargo de Diretor das Obras Públicas do Estado. Nesta época foi construída a ponte Hercílio Luz, tendo sido ele, o engenheiro, elo de ligação entre o Governo do Estado e a firma construtora.

Mais tarde voltou a residir em Itajaí, e como engenheiro empreiteiro construiu boa parte do porto local, no que se refere aos molhos de saída do rio, no seu lado direito; obra executada durante o Governo de Washington Luiz, e que não foi concluída em razão da revolução ocorrida em 1930. Na mesma cidade projetou e construiu o prédio localizado na esquina da Praça Vidal Ramos, com a Rua

Lauro Muller, primeiro edifício no Estado construído com lajes de concreto armado, dividindo os andares e onde durante muitos anos funciona o Café e Bar Democrático.

Depois dos acontecimentos de 1930, que lhe causaram enorme prejuízo com a repentina paralisação das obras do porto, com a perda de expressivo patrimônio, voltou a residir em Florianópolis, onde foi trabalhar como engenheiro na Secretaria de Obras Públicas. Nesta época projetou e construiu o primeiro prédio em concreto armado em Santa Catarina — Quartel de Polícia Militar em Florianópolis, à Rua Nereu Ramos, esquina com a Avenida Rio Branco.

A sua última atividade profissional foi exercida em Criciúma, na Mineradora «Próspera», onde projetou e construiu a primeira Escola Mecânica de Carvão, bem como o primeiro Forno de Coque Metalúrgico.

Fonte: Frederico Guilherme Buendgens
Rua: Romulo Coutinho de Azevedo, 64
Jardim Solar da Ilha — Trindade,
88.000 — Florianópolis/SC
Fone: 33-2021.

Aconteceu...

Junho de 1991

— Dia 1º. — Perante numeroso e entusiasta público, apresentou-se, no auditório do Teatro Carlos Gomes, a afamada Banda Sinfônica de Chicago, sob a regência do maestro Henry Hecht.

— Na praça Dr. Blumenau e, com a presença de numeroso público, o prefeito Victor Fernando Sasse presidiu a solenidade de abertura de Campanha do Agasalho “Aqueça um Coração, Receba um Sorriso”, desencadeada pela Legião Brasileira de Assistência e que teve o apoio da Prefeitura Municipal.

— Violenta onda de frio atingiu todo o sul do país e Blume-

nau e toda a região do Vale do Itajaí e serrana, não fugiram à ação da baixa temperatura. A frente fria deslocou-se do sul do Uruguai em direção à região sulina brasileira.

— Dia 03 — O Secretário Municipal de Saúde, Newton Motta, ministrou a aula inaugural do Projeto de Atendimento Pré - Hospitalar (PAPH) que visa a padronização a nível nacional do atendimento em situações emergenciais e traumáticas, prestado pelos integrantes do Corpo de Bombeiros. Com exceção das capitais. Blumenau foi a primeira a ter esse serviço.

— "Arte Com Humor" é o título do Projeto Arte SESC, iniciado neste dia, com duração até o dia 15, o saguão da Universidade de Blumenau. Foi aberta com exposição dos artistas João Batista Félix Guedes, Clênio Souza e Luiz Mendes, os quais mostraram seus desenhos de humor, em diversas formas.

— Dia 04 — No prédio da antiga prefeitura, o Departamento de Cultura do município promoveu a abertura da sala de cinema. Na mesma oportunidade, foi aberta, na sala de exposições, a exposição de artes plásticas por alunos da FURB, e a apresentação do recital "Exercício", de Cecília Meireles, a cargo de Roberto Mallet e Carlos Zanon.

— Dia 05 — Em consequência da prolongada estiagem que atingiu, nesta época, numerosas regiões do Estado, a imprensa divulgou que também o rio Itajaí - Açú mantinha-se, neste dia, com quase dois metros abaixo do seu normal, causando sérias preocupações à população em geral. A seca foi considerada a maior dos últimos vinte anos.

— Dia 06 — Às 9 horas da manhã foi aberto o Primeiro Encontro Regional de Estudantes de Matemática, com a participação de representantes de onze Estados do país.

— O poeta Martinho Bruning e sua esposa, a artista plástica Julieta, abriram, às 20,30 horas, na Galeria Açú Açú, a exposição e noite de autógrafos, sob o título "Pintura & Palavras. Um seletor público compareceu ao lançamento, prestigiando o acontecimento de alta expressão cultural.

— Dia 07 — No auditório da EMBRATEL, com a presença de 14 prefeitos e vereadores de 14 municípios beneficiados pelo programa, foi realizada, pelo presidente da TELESC, a solenidade de lançamento do Programa Comunitário de Telefonia II.

— Vítima de pertinaz enfermidade, foi sepultado o ex - vice -

reitor da FURB, professor João Joaquim Fronza. O extinto também exerceu as funções de reitor da FURB, em substituição ao titular, tendo, também, na sua longa carreira de mestre, atuado como professor no Colégio Pedro II. João Joaquim Fronza, que faleceu no dia anterior, teve um sepultamento muito concorrido, fruto da estima e admiração com que sempre foi distinguido nos meios educacionais de Blumenau,

— No Pavilhão A da PROEB, teve lugar a solenidade de abertura da III Feira da Amizade, às 18,30 horas, com a presença de autoridades e presidida pela primeira dama do município, dona Marita Deeke Sasse.

— DIA 13 — Cerca de 150 estudantes do Colégio Estadual Luiz Delfino, participaram, pela manhã, de uma passeata pelo centro da cidade, como forma de alerta à comunidade sobre a degradação do rio Itajaí - Açú. Aproximadamente 500 panfletos foram distribuídos a população durante a passeata. Os alunos portavam cartazes com frases como "SOS, a natureza pede e nós exigimos" e "O progresso tecnológico da humanidade esqueceu-se da fonte vital: a água". A passeata foi acolhida com simpatia pela população.

— Dia 14 — No quartel do 10º. Batalhão de Polícia Militar, realizou-se, ante a presença de numerosos convidados, a solenidade da passagem de comando da referida unidade, do Ten. Cel. PM Emmanuel Bittencourt ao Ten. Cel. PM Ademir Anton. A solenidade, que realizou-se às 16 horas, foi presidida pelo Cel. PM Antônio Gouveia Medeiros.

— Dia 15 — Para atender à vacinação contra a paralisia infantil, no Dia Nacional de Vacinação, foram instalados em Blumenau 70 postos de atendimento.

— Dia 17 — Foi aberta na Universidade Regional de Blumenau, Divisão de Promoções Culturais, a exposição de tapeçarias de Nara Guichon. A exposição permaneceu aberta até o dia 28, instalada no saguão daquela Universidade.

— No Teatro Carlos Gomes foi instalado o 1º. Encontro sobre a Situação de Meninas em Santa Catarina, uma programação a nível nacional realizada pelo Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência, e integração com o Projeto Rosa Viva e Fundação Vida. O evento conta ainda com a programação das Secretarias de Ação Comunitária e Educação. Trata-se de um acontecimento dos mais importantes para a normalização de tristes ocorrências que vêm

acontecendo no país, com largos reflexos em todo o mundo, relacionado com as crianças.

— Dia 19 — “O Gordo ao Vivo”, é o título do espetáculo apresentado por Jô Soares, no Teatro Carlos Gomes, às 21 horas. O espetáculo, de geral sucesso, veio respaldado pelos grandes sucessos alcançados por Jô Soares nos nove meses em que esteve em cartaz no Scala II. do Rio e no Teatro Cultura Artística de São Paulo.

— Dia 21 — A Imprensa (JSC) noticia que já se encontra em pleno funcionamento a rede telemétrica instalada no Vale do Itajaí, que mede o nível do rio e a precipitação pluviométrica. Segundo ainda as informações, é possível prever com dez horas de antecedência a ocorrência de cheias na região.

— A 104 dias da segunda maior festa do Brasil — a Oktoberfest — o prefeito Victor Fernando Sasse lançou oficialmente a mesma para o ano de 1991, ao reunir, no restaurante Moinho do Vale, representantes das áreas de turismo, hotelaria e comércio de Blumenau e da região. O lançamento da Oktoberfest reuniu ainda a imprensa de todo o Estado e autoridades.

— Dia 24 — No complexo esportivo do SESI, em Blumenau, foi iniciada a competição da 14ª. Brigada da Infantaria Motorizada, cuja abertura contou com a presença de grande público. Mais de 600 atletas participaram das competições que foram encerradas no sábado, dia 29.

— Dia 22 — Um grupo de rotarianos de Blumenau escalou, neste dia, o morro do Spitzkopf para plantar quatro árvores. As mudas de “Cunninghamia lanceolata”, conhecida popularmente por pinheiro alemão, foram plantadas a 936 metros de altura, ao lado do marco do Rotary Club de Blumenau, fixado no dia 5 de junho, durante a Semana do Meio Ambiente.

— Dia 27 — Na Galeria de Artes Açu - Açu, foram instaladas para exposição 15 trabalhos da artista plástica gasparense Erica Becker de Araújo. Trata-se da primeira exposição individual da artista e que permaneceu à disposição da visitação pública até o dia 20 de julho com real agrado.

— No Teatro Carlos Gomes estreiou a peça “Numa Praia Sem Luz Elétrica Nem Cacilda Meirelles”, adaptação da obra de Cacilda Meirelles por Giba de Oliveira. A peça foi encenada pelo “Grupo Credo Quia Absurdum”, vencedor dos Quatros Jogos de Teatro de Blumenau realizados em novembro de 1990.

— 28 — Foi inaugurada, nesta manhã, a primeira Agência de Correio Satélite de Blumenau e que passou a atender a comunidade de bairro de Itoupava Norte e arredores. A unidade, que funciona à rua 2 de Setembro 3-136, proporciona mais conforto ao bairro e desafogou o serviço da empresa, notadamente de sua agência central.

— A Associação Musical Camerata Vocale promoveu excelente concerto no Espaço Artístico do Banco do Brasil, em Blumenau, às 17 horas, cujo acontecimento contou com a presença de numeroso público. A promoção teve o apoio do Banco do Brasil, Casa Paraty, Mudanças Mônica e Fundação “Casa Dr. Blumenau”.

Fundação «Casa Dr. Blumenau» tem novo Conselho Curador

Desde o dia 23 de julho corrente, a Fundação «Casa Dr. Blumenau» acha-se sob a administração de novo Conselho Curador. De acordo com a Portaria nr. 2.011, de 15 do mesmo mês, o prefeito Victor Fernando Sasse nomeou, para o exercício no biênio 1991/1993, os seguintes conselheiros para comporem o Conselho Curador: Frederico Kilian (reconduzido), Aiga Barreto Mueller Hering (reconduzida), Frank Graf (reconduzido), Lindolf Bell, Noemi Kellermann, Hans Prayon, Manfredo Bubeck, Friederich Ideker, Lorival Harri Hubner Saade, Hans Martin Meyer e Dinorah Krieger Gonçalves.

A primeira reunião do novo Conselho, ocorreu no dia 26, quando foram iniciados os trabalhos de análise, para algumas alterações a serem introduzidas nos Estatutos da Fundação, tendo em vista a ampliação do campo de ação da instituição, que deverá acontecer do-

ravante, com a incorporação do Departamento de Cultura e o patrimônio da antiga Prefeitura. Os trabalhos decorreram sempre em plena harmonia. A primeira reunião foi encerrada às 19 horas daquele dia, tendo sido marcada uma outra para o dia 29, o que se verificou. Na oportunidade, num intervalo aberto nos estudos e análise dos Estatutos, o diretor executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves, apresentou um rápido relatório sobre as atividades da Fundação nos últimos dois anos. Em seguida, os trabalhos prosseguiram até às 21 horas, quando foram encerrados, tendo sido marcado o dia 05/08/91, para a terceira reunião de trabalho com início às 19, horas.

As duas primeiras reuniões de trabalho do Conselho, foram presididas pelo conselheiro Frank Graf, em caráter interino, já que a eleição oficial do presidente ainda não foi realizada.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA